

A 43 de 15 de novembro

Ricardo A. Setti *

Bem contados, faltam, hoje incluído, 43 dias para as eleições presidenciais, e a legião de observadores, especialistas, críticos e palpiteiros que prognosticavam um quadro modorrento, cristalizado e sem surpresas na corrida para o Palácio do Planalto já podem estudar as formas de dar marcha à ré em suas previsões. A ciranda de apoios e desapoiros, o horário eleitoral compulsório no rádio e na televisão e a própria dinâmica da campanha se encarregaram de chacoalhar o tabuleiro.



Vale um rápido exame nas principais peças, os candidatos:

Fernando Collor de Mello: sofre o efeito em pinça de problemas que o acoçam por dois flancos. De um lado, a enxurrada de lama que lhe é atirada de todos os lados, em parte reproduzida no horário eleitoral, bate em sua candidatura. Do outro, a imagem espetacular de invulnerabilidade que havia construído a partir de sua reputação de caçador de marajás e de três programas de uma hora em rede nacional de televisão que protagonizou antes da campanha, por conta de partidecos que o apóiam, sofre a correção diária do horário do Tribunal Superior Eleitoral. Ali, Collor, por alguma razão, simplesmente não está convincente. As mudanças no programa ainda não acharam seu ponto. E o comando da campanha talvez esteja cometendo um erro, ao considerar que o grande problema de Collor é Paulo Maluf, do PDS. De todo modo, engana-se mais quem acha que sua candidatura vai morrer na praia. Mesmo que continue desabando nas pesquisas ao ritmo veloz das últimas quatro semanas, chega no dia 15 de novembro com pelo menos 18 milhões de votos. Tem que errar mais do que é imaginável para não estar no segundo turno.

Leonel Brizola: o nervosismo que tem demonstrado se justifica. Empacou na faixa dos 14 ou 15%, e o grande trunfo de que falavam seus partidários — a televisão — não empurra sua candidatura para cima. Continua com a deficiência crônica, virtualmente sem solução, de que não tem votos em São Paulo e Minas Gerais, onde está um quarto do eleitorado bra-

sileiro. Do ponto de vista eleitoral, são corretos os acenos que vem fazendo aos eleitores de Luís Inácio Lula da Silva, do PT, Mário Covas, do PSDB, Roberto Freire, do PCB, Ulysses Guimarães, do PMDB, e Aureliano Chaves, do PFL, para que todos estejam “no mesmo palanque” no segundo turno. Como tática, é um erro primário atacar adversários abaixo dele nas pesquisas, como Guilherme Afif Domingos, do PL.

Paulo Maluf: a razão básica de sua posição satisfatória nas pesquisas é seu peso em São Paulo, e a razão básica para este peso é o efeito residual de sua intensa campanha para prefeito da capital no ano passado. Tem um problema gravíssimo: é o candidato que tem o segundo maior índice de rejeição nas pesquisas, logo atrás do doutor Ulysses. Seu programa na TV também não ajuda. As mininovelas, por exemplo, quando não têm péssimo gosto, são ridículas, tanto que o comando de sua campanha já decidiu alterá-las.

Guilherme Afif Domingos: para ele, é ótimo que Brizola o critique, passando-lhe, de graça, um atestado público de que o considera competidor. O Gallup diz que é mesmo: com forte terceiro lugar geral, cinco pontos atrás de Brizola, Afif disparou na classe A — supostamente formadora de opinião —, deixando longe Collor, ultrapassou Brizola na classe B, onde já encosta em Collor, e, detalhe que curiosamente poucos perceberam, cresceu muito na classe C, onde em maio era o lanterninha, com pouco mais de 0%, e agora se instalou num forte terceiro posto, com 9,3%. Tem a desvantagem de já estar sofrendo fogo cerrado de vários candidatos, mas, entre outros, possui um bom trunfo: é o detentor do menor índice de rejeição entre os 11 principais pretendentes.

Luís Inácio Lula da Silva: está conseguindo reencontrar seu eixo. Tem feito comícios tão grandes quanto os de Collor, e irrita-se por não ver a mídia estampá-los com o mesmo impacto com que divulga as pesquisas, que não lhe são favoráveis, embora os últimos números o remetam, novamente, para o bolo dos que disputam o terceiro lugar. Nunca aceitou que o grevismo da Central Única de Trabalhadores prejudicasse sua candidatura. O fato, porém, é que, com a política salarial permitindo uma razoável recomposição do poder de compra dos trabalhadores, a temporada de greves arrefeceu — e seu gráfico no Ibope, no Gallup e no Data-Folha melhorou. Seu problema é o de sem-

pre: o discurso, muito à esquerda. Concorre numa faixa congestionada de candidatos.

Mário Covas: depois de um início de reação que coincidiu com o horário do TSE, está empacado entre o quarto e o sexto lugares, conforme o instituto. É considerado sério, honesto, competente. Seu problema é que, na campanha, ainda não adquiriu uma identidade prontamente reconhecível pelo eleitor. Segundo a imagem que cada um vende, Collor é o herói contra a corrupção, Brizola o nacionalista, Lula o candidato dos trabalhadores, Afif o liberal que quer tirar o Estado pesado das costas do eleitorado, Maluf o executivo eficiente, e assim por diante. E Covas, o que é? Se não decolar nas próximas duas ou três semanas, provavelmente não dá mais.

Ulysses Guimarães: a competência de seu programa na televisão não resolve o caos que reina no PMDB. O partido, que na execução do Plano Cruzado conseguiu malbaratar o maior cacife de credibilidade já obtido por qualquer agremiação política no país, vai entrar para a história como tendo propiciado, também, o desmoronamento do grande timoneiro da recuperação da democracia.

Aureliano Chaves: merece reconhecimento pela digna serenidade com que leva sua campanha em meio a um partido, como o PFL, esfacelado pelo mais pegajoso oportunismo. Seu programa na TV é melhor do que se esperava, mas lhe dará poucos votos.

Roberto Freire: já fez muito pela imagem do Partido Comunista, que é seu principal objetivo, mas poderia fazer mais. Mesmo com pouco dinheiro, seu programa na televisão não tem por que ser tão enfadonho.

Ronaldo Caiado: definitivamente o fazendeiro impetuoso, de argumentação ágil e desconcertante que criou a União Democrática Ruralista, e o lobista eficiente que fez e aconteceu na Constituinte não emigraram para a pele do candidato do PSD. Além do mais, quase só fala no produtor rural e dirige toda a sua campanha para o campo, num país em que 70% da população vivem nas cidades. Se fosse menos preso pela ideologia, iria mais longe.

Afonso Camargo: um homem sóbrio, cujo passado acumula méritos — embora abrigue, ali, um mandato de senador biônico que ele, mais que depressa, esconde —, sua campanha só surpreende pelas doses de demagogia que nela tem injetado. Continua sendo o favorito para a lanterninha.